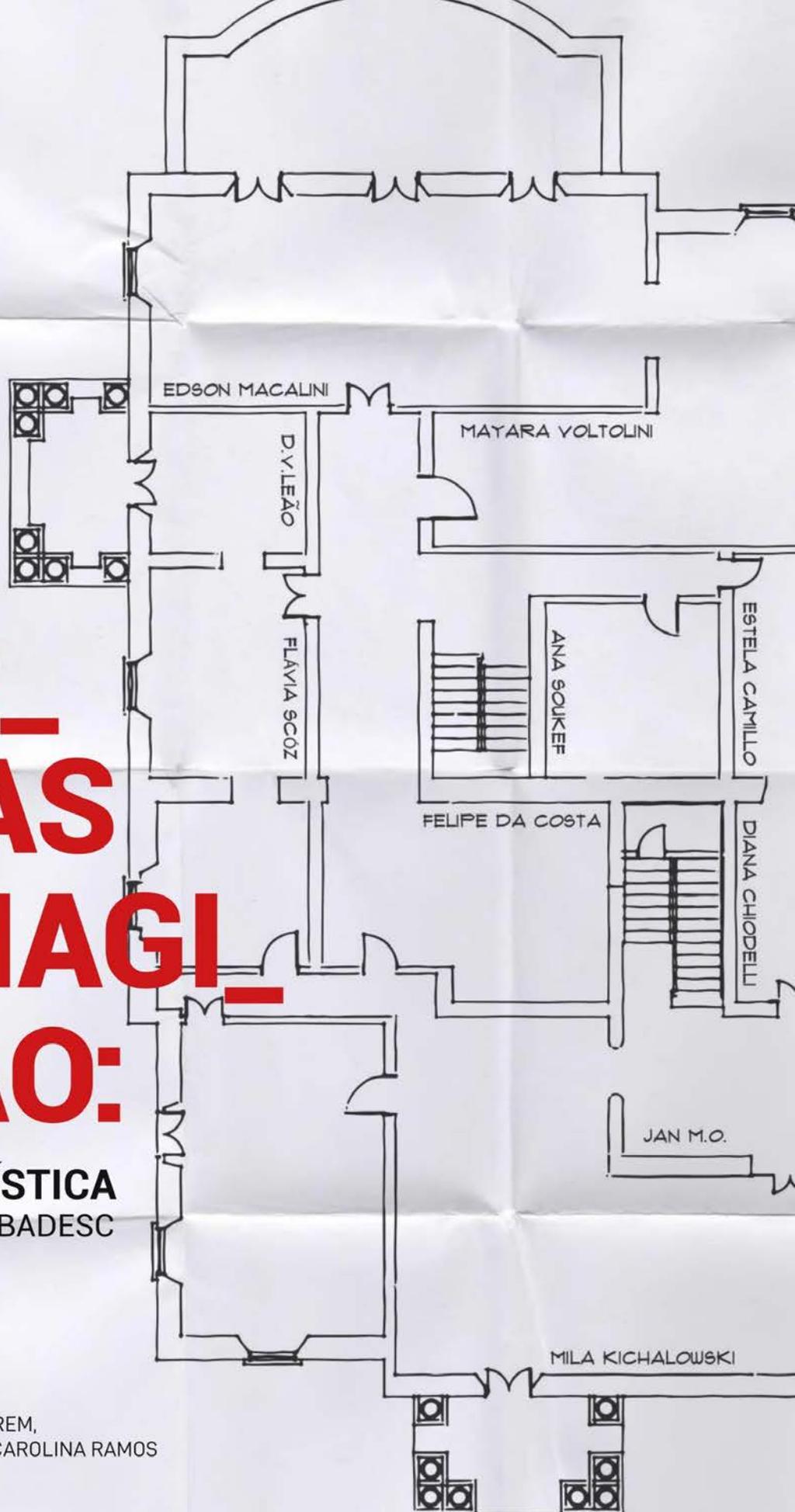


TOPO- LOGIAS DA IMAGI- NAÇÃO:

RESIDÊNCIA ARTÍSTICA
FUNDAÇÃO CULTURAL BADESC

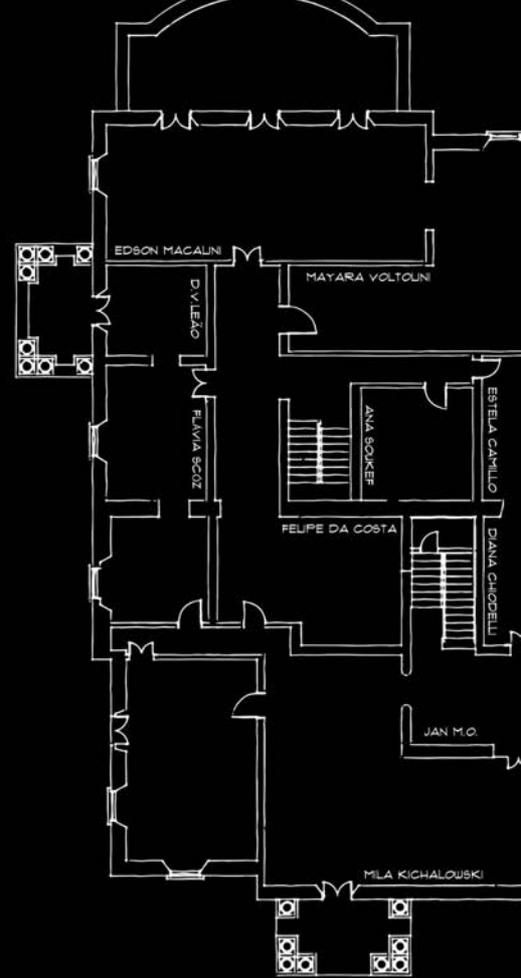
ORGANIZADORES

ENELÉO ALCIDES, ROSÂNGELA CHEREM,
ALEXANDRE ROMARIZ SEQUEIRA E CAROLINA RAMOS



Exposição Topologias da Imaginação: Residência Artística Fundação Cultural BADESC
99 p.

1. Catálogo de Arte Contemporânea.
2. Exposição Topologias da Imaginação: Residência Artística Fundação Cultural BADESC.



FUNDAÇÃO CULTURAL BADESC

DIRETORIA EXECUTIVA

MARGARET WATERKEMPER
DIRETOR GERAL

HELENA MAYER
DIRETORA ADMINISTRATIVA E FINANCEIRA

CONSELHO CURADOR

EDUARDO ALEXANDRE CORRÊA DE MACHADO
PRESIDENTE DO CONSELHO CURADOR

LUANA PEDRON SOBRAL
PAULO RENATO VIEIRA CASTRO
CONSELHEIROS

CONSELHO FISCAL

MARSELLE GOULART
ROBERTO DE DOKONAL
LILIAN GEREMIAS

EQUIPE DE PRODUÇÃO DA FUNDAÇÃO CULTURAL BADESC

CAROLINA RAMOS NUNES *Artes-Educação*
DENILSON ANTONIO *Artes-Educação*
JONAS LAURIANO *Administrativo*
THAMARY KOERICH *Estágio em Design*
RAFA WESTPHAL *Estágio em Design*
JULIANO ZANOTELLI *Assessoria de Imprensa*

CATÁLOGO

PROJETO EDITORIAL, ORGANIZAÇÃO E TEXTO

ENELEO ALCIDES
ROSÂNGELA CHEREM
ALEXANDRE ROMARIZ SEQUEIRA
CAROLINA RAMOS

PROJETO GRÁFICO

BIANCA JUSTINIANO DOS SANTOS
ENELEO ALCIDES

EDIÇÃO DE IMAGENS

BIANCA JUSTINIANO DOS SANTOS
FRANCHESCOLLI GOHLKE
DENILSON ANTONIO

REVISÃO GERAL DE TEXTOS

CAROLINA RAMOS NUNES
ENELEO ALCIDES
ROSÂNGELA CHEREM

FOTOGRAFIAS

FRANCHESCOLLI GOHLKE
DENILSON ANTONIO
MILA KICHALOWSKI

RESIDÊNCIA ARTÍSTICA FUNDAÇÃO CULTURAL BADESC

ORIENTADORES

ALEXANDRE ROMARIZ SEQUEIRA
ROSÂNGELA MIRANDA CHEREM
ENELEO ALCIDES
CAROLINA RAMOS

ARTISTAS

ANA SOUKEF S
DANIEL LEÃO
DIANA CHIODELLI
EDSON MACALINI
ESTELA CAMILLO
FELIPE COFF
FLÁVIA SCÓZ
MAYARA VOLTOLINI
MILA KICHALOWSKI

EXPOSIÇÃO

TOPOLOGIAS DA IMAGINAÇÃO: RESIDÊNCIA ARTÍSTICA
FUNDAÇÃO CULTURAL BADESC

CURADORIA

ALEXANDRE ROMARIZ SEQUEIRA
ROSÂNGELA MIRANDA CHEREM
ENELEO ALCIDES
CAROLINA RAMOS

MONTAGEM

FLÁVIO BRUNETTO
EQUIPE FUNDAÇÃO CULTURAL BADESC

06 O PROJETO

08 **TOPOGRAFIAS DA IMAGINAÇÃO:**
RESIDÊNCIA ARTÍSTICA FUNDAÇÃO
CULTURAL BADESC

10 MILA KICHALOWSKI

18 DIANA CHIODELLI

26 ESTELA CAMILLO

34 FELIPE DA COSTA

42 JAN M.O.

50 ANA SOUKEF

58 EDSON MACALINI

66 D. V. LEÃO

74 MAYARA VOLTOLINI

82 FLÁVIA SCÓZ

92 A EXPOSIÇÃO

O PROJETO

O projeto de **RESIDÊNCIA ARTÍSTICA FUNDAÇÃO CULTURAL BADESC** foi pensado como um espaço de aperfeiçoamento e de trocas virtuais e presenciais para e com artistas catarinenses ou residentes no Estado, com produção nas artes visuais contemporâneas. Para viabilizar condições mais propícias aos artistas, a Fundação buscou recursos e foi contemplada com o Prêmio Elisabete Anderle de Estímulo à Cultura 2020. Na sequência a Fundação lançou um edital com vagas para 10 artistas, sendo que pelo menos metade das vagas estavam destinadas exclusivamente para residentes de fora da Região Metropolitana da Grande Florianópolis. O objetivo do projeto era mesclar em um mesmo grupo diversos perfis. Um continuum entre profissionais que já vinham de uma trajetória mais consistente com artistas que estavam iniciando seus processos criativos; oriundos de múltiplas formações e que explorassem diferentes linguagens visuais. Uma residência embasada em trocas, horizontais e verticais, possibilitando o desenvolvimento de questões individuais, mas dentro de um ambiente que

pensasse a amplitude da Arte Visual Contemporânea. Partindo desta proposta, os orientadores Alexandre Sequeira, Carolina Ramos, Eneléo Alcides e Rosângela Cherem selecionaram para a residência, através de um edital, Ana Soukef, Daniel Leão, Estela Camilo, Mila Kichalowski, Edson Macalini (Grande Florianópolis), Diana Chiordelli (Chapecó), Felipe da Costa (Blumenau), Flávia Scóz (Joinville), Jan M.O. (Joinville) e Mayara Voltolini (Brusque). O grupo teve oportunidade de conviver e produzir ao longo de 2021 e esse encontro de sensibilidades distintas resultou em muitas descobertas, amizades produtivas, produções colaborativas, lives e a uma consistente exposição chamada Topologias da Imaginação, apresentada nos espaços Fernando Beck e Paulo Gaidad da Fundação Cultural Badesc, entre 23 de novembro de 2021 e 31 de março de 2022, registrada neste catálogo. Pelo menos até o fechamento deste catálogo, em setembro de 2022, o whatsapp do grupo continua mantendo as trocas. Sinal de que a residência reverbera.

CAROLINA RAMOS
ENELÉO ALCIDES

TOPO_ LOGIAS DA IMAGI_ NAÇÃO:

RESIDÊNCIA ARTÍSTICA
FUNDAÇÃO CULTURAL BADESC

Podemos mesmo alcançar as variedades e as intensidades, as variações e as tonalidades, as camadas e o cerne da criação? Se uma resposta certa parece por demais arriscada, ao menos alguns pontos podemos reconhecer. A saber, que os processos artísticos são singulares e intransferíveis. São infinitas suas variedades e inumeráveis suas variações, e assim também o são as sensibilidades e percepções que cabem no gesto de cada artista. O mesmo acontece com o arquivo mnemônico e o repertório afetivo que incide sobre cada obra, sendo que tais incidências ocorrem às vezes de modo premeditado e explícito, outras vezes de modo involuntário e secreto.

Tal entendimento parece ser o fio que permite reconhecer os diferentes artistas e as diferentes obras que aqui comparecem. Trata-se de um percurso

feito ao longo de uma residência artística iniciada em abril de 2021 e que aconteceu de modo online neste tempo em que as coisas não acontecem como esperávamos que acontecessem. Embora a travessia não tenha sido fácil, a aventura de pensar foi maior que a inação, o desejo de descobertas foi maior que o medo dos desafios, a coragem da criação sobrepujou a devastação das perdas vividas neste tempo tão adverso que nos coube viver.

Na busca pela imparidade dos arquivos e gestos artísticos, na procura pela singularidade dos processos poéticos, o que avistamos não é o final de um percurso, mas um registro importante sobre diferentes lugares por onde a imaginação foi capaz de mergulhar, caminhar, voar...

ALEXANDRE SEQUEIRA
CAROLINA RAMOS
ENELÉO ALCIDES
ROSÂNGELA CHEREM

Orientação e Curadoria

ANA SOUKEF • DANIEL LEÃO • DIANA CHIODELLI • EDSON MACALINI • ESTELA CAMILLO • FELIPE COFF • FLÁVIA SCÓZ • JAN M.O. • MAYARA VOLTOLINI • MILA KICHALOWSKI

MILA KICHALOWSKI

[FLORIANÓPOLIS]

Stella Absentia
Fotografia

Mentoria: Ana Sabia

Edição arte | fotografia: Sérgio Galvão

O que enxergamos já não existe mais. A partir dessa percepção proponho apresentar fotografias que evocam a presença de um pai queque partiu e a sua memória constante no cotidiano na vida de nossos filhos ainda crianças. Stella absentia, frase em latim que na sua tradução em português significa "estrela ausência", faz uma analogia com a morte desse pai que mesmo não presente fisicamente ainda o conseguimos ver, assim como as estrelas que quando findam ainda

se observa seu corpo celeste por anos-luz. As constelações afetivas propõem o brilho das brincadeiras, gestos, desenhos, sensações e sentimentos. Ainda que mergulhados nas difíceis fases do luto - esse que não existe fim, meio nem começo definido - nos movimentamos poeticamente na constelação árvore, constelação água, constelação terra e constelação vento.

Mila Kichalowski









DIANA CHIODELLI

[CHAPECÓ]

Da tapera: uma casa-vista

Fotografias

Da tapera: uma casa-escuta

Instalação | áudio | 1100 | móvel com dispositivo sonoro e áudio em som ambiente

Da tapera: corpo-casa

Suporte/material: Video instalação | 6'05 | mesa e televisor 14"

Da tapera: casa-afetiva

Instalação | tapete em tecido Oxford produzido por Rozi Chiodelli | desenho em tinta branca, criado por Virte Locatelli

De quantas formas podem nascer casas?

Daqui nasce uma casa-tapera que brinca nos corpos de tantas gentes carregadas pelas memórias de espaços inabitados, mas muito íntimos.

Nessa tapera nasce também um processo constante de passagens por entre os gestos que param as mãos \no ar, as vozes que se confundem com o som do progresso esmagado pela sola do sapato na lavoura recém colhida, interrompe as linhas marcadas no piso, e se

dissolve, memória e vida, nas fotografias de registros outros que traduzem e constroem novas moradas de corpos-casas-gentes.

Casas nascem a todos os instantes na memória do corpo. Quantas tapersas surgem a partir desse interior de raiz funda, que é o centro de tudo?

Essa tapera é um protesto. Um protesto para todos os pedaços de terra que já foram casas-gentes. As tapersas se desenham firme e fundo nos corpos das gentes.

Diana Chiodelli









ESTELA CAMILLO

[FLORIANÓPOLIS]

Os Pombos
Acrílica sobre tela

Se Alimentam
Acrílica sobre tela

De Lixo
Acrílica sobre tela

EMBALADO EM: 22/10/2021
Acrílica sobre tela

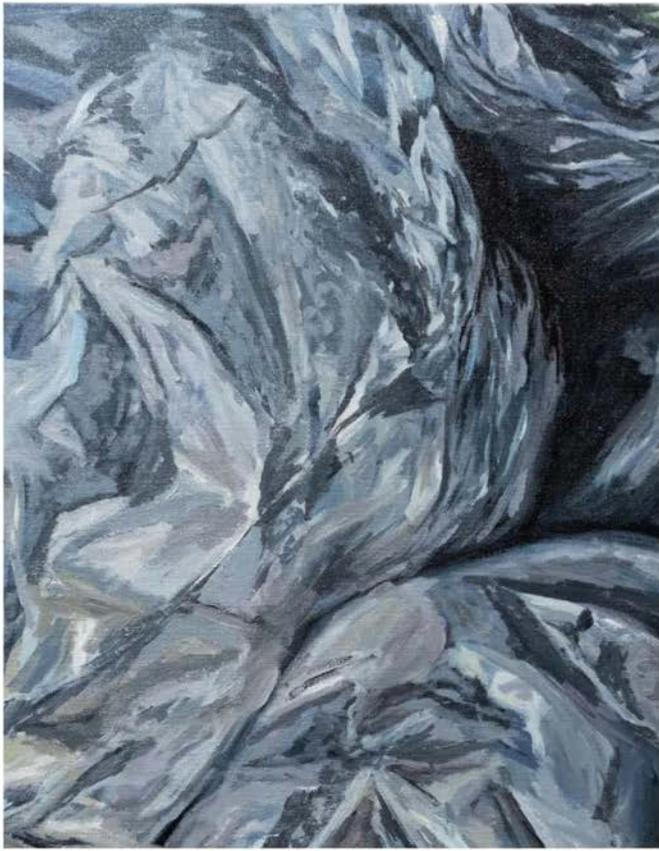
"Os Pombos", a obra catalisadora da série, é baseada numa cena fotografada no calçadão do centro de Florianópolis. Os sacos plásticos refletem a luz, fazendo brilhar junto aos rasgos a comida descartada, o excluído. A investigação, iniciada pelo interesse neste extemporâneo chiaroscuro em decomposição, busca a percepção de uma unidade na cena, uma falta de hierarquia entre os elementos: o saco arregaçado de tal forma que a superfície se desfaz em formas geométricas e linhas de intensidade de luz, em consonância com os pombos, - motivo do acontecimento - os quais detêm tanto protagonismo na imagem quanto a folha de alface enrugada que assemelha-se ao plástico em sua metabolização da luz. A série inclui outros recortes da cena, construídas a partir de outras fotos do mesmo momento, intituladas

"Se Alimentam" e "De Lixo". A aproximação da cena constitui um novo protagonismo: as cores que, em camadas visíveis, informais, constroem a ligação intrínseca entre forma e conteúdo. Por fim, completa-se a série com a obra "EMBALADO EM 22/10/21", como uma alegoria da experiência brasileira expostas nas notícias cotidianas, onde o descartável, em tempos de fome, torna-se possibilidade de vida, simulacro de uma saciação (insaciável, desumana) que caracteriza o real brasileiro. Novamente, o processo reflete acerca das cores, das formas de figurar ou expressar a luz na pintura. O desejo da autora se coloca em criar um contraponto com a vida no lixo e por evocar a discussão da transitoriedade entre elementos orgânicos vivos, mortos e não orgânicos e a inexistência de uma verdadeira hierarquia entre estes.

Diana Chiodelli









FELIPE DA COSTA

[BLUMENAL]

Série Os primórdios da civilização brasileira

Mulher Xokleng

Carvão e óleo de linhaça sobre tela

Um ser incrível

carvão moído, aguado sobre tela

Olhares 1

Olhares 2

Desenhos

Ensaio s/ branquitude 1

Ensaio s/ branquitude 2

Ensaio s/ branquitude 3

Duque de Caxias

Estudo para "um ser incrível"

Desenhos

Menos os primórdios e mais os começos de uma história da civilização brasileira

Meu trabalho inicia através do desenho e com as pesquisas de fotografias e arquivos que se relacionam com a história de um cotidiano inter-racial em área de colonização alemã. Cada imagem me transporta para muitas camadas e problemas dessa história.

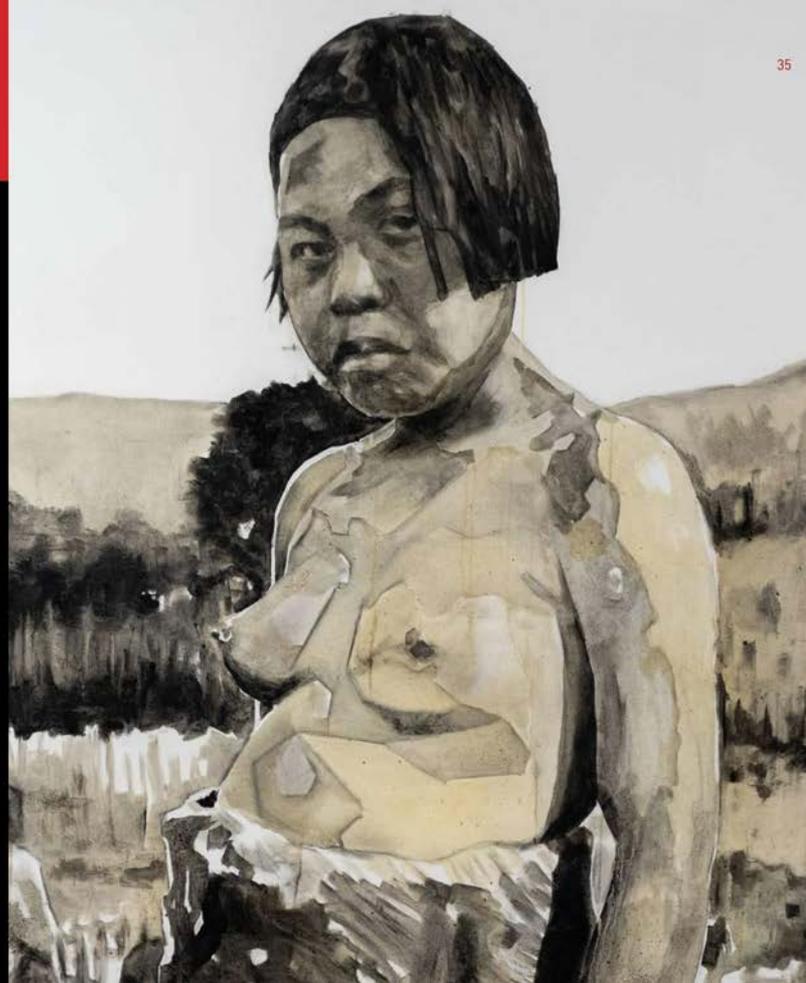
Aprendendo desde cedo a observar o mundo pela ótica dos brancos, consumindo a cultura branca, me alimentando dos ideais estéticos, hoje busco uma compreensão maior sobre essa relação de sobreposição cultural. Parece que devemos muito mais a Europa do que a nós mesmos.

O trabalho que mostro nesta residência ainda

está em aberto, são exercícios para reforçar a imagem, e contribuir com o entendimento de como se formou e constituiu o novo mundo. As imagens funcionam como guias de um processo doloroso de assimilação e são uma forma de organizar o pensamento crítico e criativo.

Estes desenhos e pinturas são projetados e mapeados em tela ou papel. O mapeamento da imagem delimita a sombra e a luz em certos lugares. Muitas das fotografias escolhidas foram feitas com um certo olhar artístico que me interessa, sobretudo considerando os contextos de produção de cada imagem que me apropriou.

Felipe da Costa









JAN M.O.

[JOINVILLE]

Contato

Acordo

Contradança n° 1

Contradança n° 2

Contradança n° 3

Em março de 2020, quando anunciaram Lockdown por conta da pandemia de covid-19 em Santa Catarina e o comércio, correios, entre outros tiveram as atividades paralisadas, vi-me dentro das restrições do meu ateliê e percebi que teria disponível apenas aquilo que havia dentro dele para produzir. Envolti em incertezas ao vivenciar pela primeira vez um processo pandêmico e atrelado às falas de um desgoverno que me provocavam medo e a raiva, surgiu o primeiro trabalho de uma série que intitulei como Máquinas de Dizeres. Desde então, palavras, citações, termos e hashtags que surgiam em determinado momento, tomavam-se aparatos ou protótipos de maquinários manuais que eu desenvolvia quase como gambiarras e gerigonças. Tendo a internet como única janela de visibilidade e troca, essa série, postada por meio de vídeos curtos e gifs, trouxe um retorno bastante significativo, principalmente ao ver

que essas possíveis palavras de ordem se reverberavam como vozes de outros, que viam nestes dizeres o desejo de reproduzi-los – seja compartilhando um post – ou então na curiosidade em manusear tais máquinas em tempos intocáveis.

Em 2021, ainda debruçado sobre esta pesquisa e na busca de respiros mais brandos, levei-me a brincar – brincar, sem a menor pretensão de outra palavra – investigando nas técnicas do papercraft (método de construção de objetos tridimensionais a partir de papel) uma possibilidade de acessibilidade física e interativa para dentro e fora destas – e outras – paredes. Apresento aqui a releitura de algumas dessas maqui-netas, remodeladas agora em estruturas de papel, para aqueles que desejam a experiência da produção de sua própria máquina e sua ativação como ferramenta de dizer.

Jan M.O.







INS ISTIR



EX ISTIR



RES ISTIR



RE VIVE MOS



ANA SOUKEF

[FLORIANÓPOLIS]

Peles de Montanha

Políptico | Impressão fotográfica em Papel Matt Fibre | 2021

Minha história com o Cambirela começou há oito anos, quando, pela primeira vez, sem ainda saber seu nome, pude contemplar a imponência dessa montanha na paisagem. Não tardei em descobrir que aquele lugar era território indígena sagrado - Kambi [o seio que amamenta] - parte essencial do cosmos Guarani. Ao longo dos anos, nas idas e vindas da Terra Indígena Morro dos Cavalos, escutei histórias que aumentaram meu encantamento.

Assim, foi nascendo esse laço afetivo e também esse projeto artístico.

Nos oito meses de residência, estive em conversa direta com a montanha. Muitas vezes ela brincou comigo, escondendo-se e mostrando-se por entre a névoa, assumindo mil e uma peles. Pude olhá-la em suas variadas formas, sempre diferente e sempre uma. Habitada por seres e entidades, cores

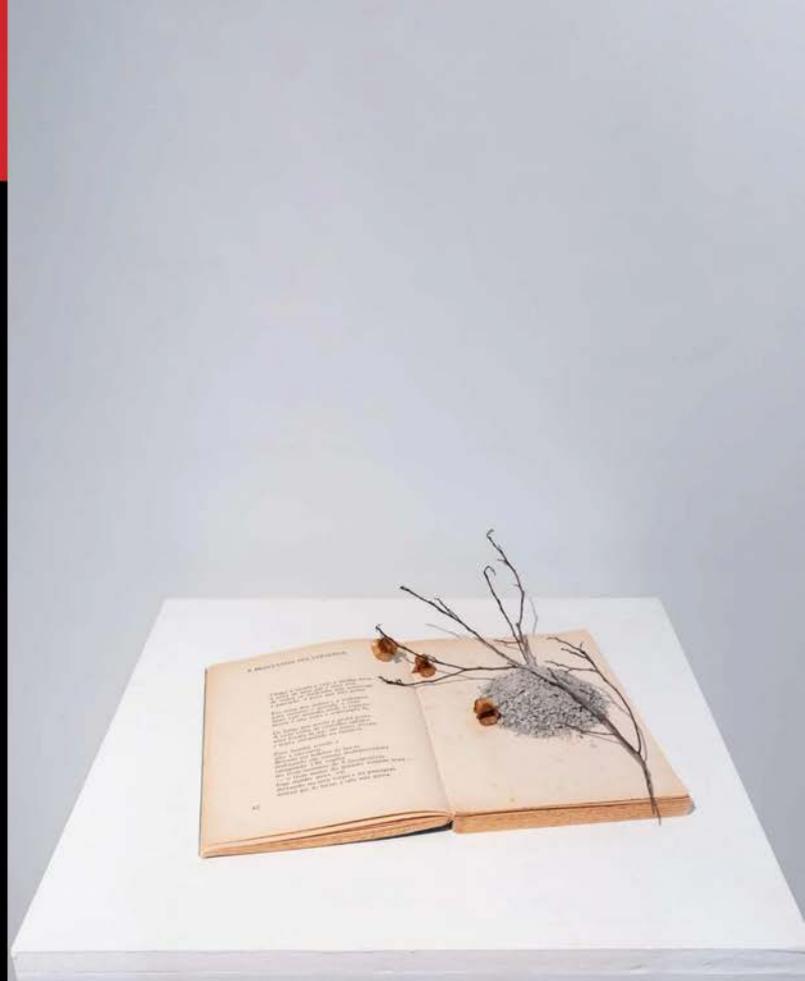
e sons, gentes e tempos. Em minha jornada também descobri sobre os tempos que não são os seus - o tempo da máquina e da extração. Com a mesma desolação de Drummond ao olhar o Pico do Cauê, vi a ferida aberta pela mineração no pé da montanha. Pude assistir à transformação de rochas milenares em pó de pedra, opaco e efêmero. E, junto ao pó, a angústia de imaginar a transformação daquela montanha em uma montanha invertida.

Esse trabalho é um convite para olhar e experimentar as diferentes camadas que compõem a montanha como parte do nosso ser, unindo-nos àquilo que convençamos chamar de natureza - conceito que, ao externalizar-se do nosso próprio corpo, nos conduz à ilusão da separação.

Nosso corpo é montanha e rio, sol e pedra, folha e vento.

Cada um de nós tem seu pedaço no Cambirela.

Ana Soukef







A MONTANHIA PULVERIZADA

Chove a tarde e vejo a minha serra
a serra de meu pai e meu avô
de todos os Andaraés que passaram
e passaram a serra que não passa.

Eu vou dos índios e a tomamos
para enterrar e prosseguir a vida
mas vale a pena viver a riqueza
mas e sua vida e contemplá-la.

De longe nos revela o perfil grave,
A cada volta de caminho aponta
uma forma de ar, em ferro, eterna,
e sopra eternidade na silêncio.

Esta montanha acorda e
não a cansa
Estando em bilhete de Lucas
deixando em viagem transportadora
no trem-mestre do mundo, comem nota —
— o trem-mestre do mundo, comem nota —
foi minha serra, vai
deixando no meu corpo e na paisagem
meu pó de ferro, e este não passa.



EDSON MACALINI

[PALHOÇA]

Desenhos do Fogo

I - Escritas do Fogo

Arames retorcidos, spray e acrílico

II - Vestígios do Fogo

Bloco de espumas, spray e arames de construção civil

III - Desenhos fósseis

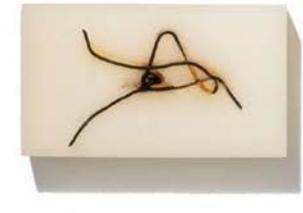
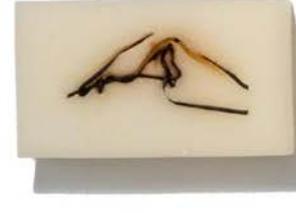
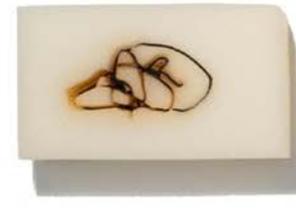
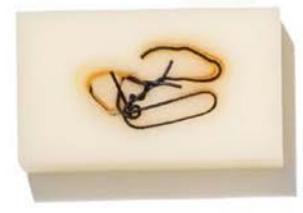
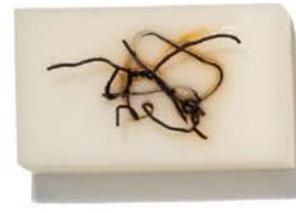
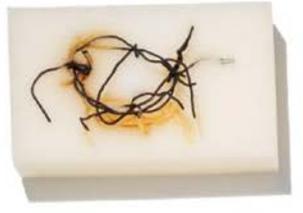
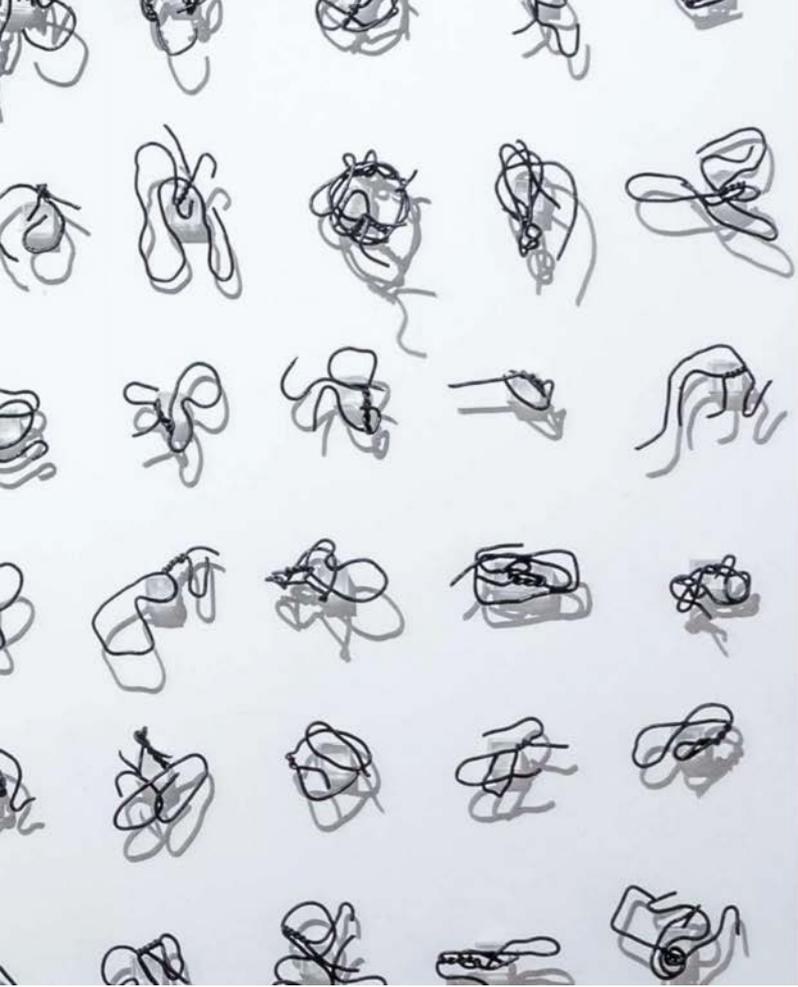
Pseudofósseis. Resultado de acumulação de resíduos de manganês carregados pela água nos espaços vazios de pedras vulcânicas. O metal precipitado oxida e se assemelha a ramificações e plantas. Caixa de acrílico, areia preta e fragmentos de pedras de calçamento.

O fogo desenha [...] desde o espirro de fogo nas atividades vulcânicas em contato com o ar [...] fogo vira pedra - pedra líquida em fogo - magma - fogo endurecido. O fogo transforma matérias, liquidifica metais, expande, contrai, endurece. Fogo vira em pó, queima, sapeca, faz barro virar tijolos, telhas, cerâmicas, ferver a água, criar bolhas d'água na pele, assar, cozinhar, torrar, flamejar, incinerar. Assoprado pelos ventos, o fogo caminha pela terra que engole a água, a água que apaga o fogo, o fogo que esquenta a água, a água que lapida as pedras, lava as terras varridas pelos ventos. Desenhos do fogo surgem de passagens, analogias e persistências - transições - mudanças -

transformações - das inter-relações dos elementos naturais e dos acontecimentos [...] Sobre a terra - pedras, vestígios do metal derretido carregado pelas águas, conduzidos pelos ventos, impregnados nas montanhas que viraram calçamentos e das camadas de ferrugens que envolveram o ferro forjado pelo fogo, que saiu da terra e voltou para seu esquecimento. Jogados à sorte dos tempos, recriaram sulcos, redesenharam paisagens, ressurgiram de passagens adormecidas, corroídas, perdidas, soterradas, pisoteadas, fossilizadas, porvires do fogo que desenha em tempos.

Edson Macalini









D. V. LEÃO

[FLORIANÓPOLIS]

Fagulhas - a manhã em que nos amávamos tanto
Videoinstalação | work in progress

A videoinstalação apresentada na exposição Topologias da imaginação é um trabalho em andamento realizado com arquivo familiares e artísticos de diversas pessoas, fragmentos de vídeos que já haviam sido expostos na Fundação Cultural Badesc e arquivos da Casa da Memória. Entre os artistas participantes

que cederam trechos de imagens, cita-se Bruna Granucci, Djuly Gava, Duo Eclusa, Duo Strangloscope, Edinara Patzlaff, Fê Luz, Fran Favero, Iam Campigotto, João Lázaro, Luci Wachholz, Lela Martorano, Roberto Godoy Junior, Sofia Brito, Vò Nilmar.









MAYARA VOLTOLINI

[BRUSQUE]

impá[R]vida
vídeo-performance instalação

Ficha Técnica:
Produção, concepção, direção e atuação: Mayara Voltolini; Assistência de direção: Ricardo Weschenfelder; Câmera, iluminação e edição: David Rodocera; Direção de arte: B. Leoni; Áudio: produtora Patrícia Sozza; Música: Wolfgang Amadeus Mozart - Concerto for Flute, Harp & Orchestra in C major, K.299, II. Andantino; Sonoplastia: Mayara Voltolini; Apoio: Teatro Casa Amarela | CDH Brusque.

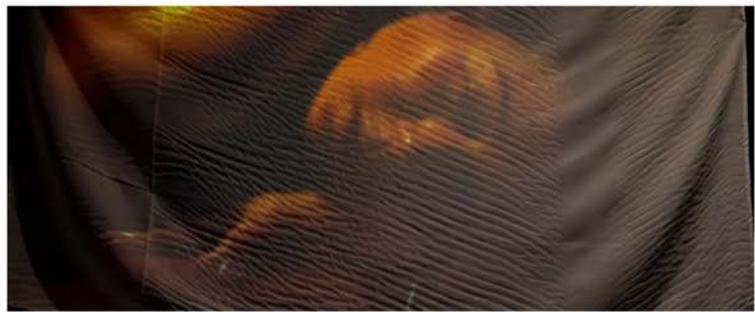
Um corpo amargurado se desmancha nas linhas curvas da existência. Você se reconhece? Os nós que a mim habitam satisfazem a vida que transforma. Eu gosto. Gosto do som, gosto de mim. Habito nosso lugar. Esse é o nosso lugar! e arquejo sem pudor o que nos pertence. O colo da ternura, por vezes, me esmaga. Sangrava sozinha até você aparecer... Escutou? Olhe para nós.

Visto o véu e desapareço na sublime ostentação de leite que pulsa e escorre, e queima. Beberemos a vida! Deteite comigo, assim como de-leitam conosco. Te convido a irmos juntos, sem pressa, parir a morte que a vida dá. Te convido a escolher ficar. Meu peito está aberto, aguardando seu cômodo. Não somos nada sem nós. A imparidade desiste, desabriga nossa existência.

Mayara Voltolini









FLÁVIA SCÓZ

[JOINVILLE]

Da tapera: uma casa-vista

Fotografias

Da tapera: uma casa-escuta

Instalação | áudio | 1100 | móvel com dispositivo sonoro e áudio em som ambiente

Da tapera: corpo-casa

Suporte/material: Video instalação | 6'05 | mesa e televisor 14"

Da tapera: casa-afetiva

Instalação | tapete em tecido Oxford produzido por Rozi Chiodelli | desenho em tinta branca, criado por Virte Locatelli

Há tempo Flávia Scóz se dedica a uma pesquisa limite: interrogar as possibilidades da queda, do cair, em seu ponto de máxima tensão, ou seja, em sua iminência, quando um corpo parece concentrar sua força e sua fragilidade ao repousar, precariamente, entre o "ainda não" e o "não mais". A leveza e mesmo o delicado humor de alguns trabalhos reunidos em Risco de queda contrastam com a gravidade desses exercícios. Isso porque, aqui, a emergência do fenômeno estético sustenta como linha de fuga o questionamento a respeito da existência em comum, ou ainda, das formas da vida ética. Afinal, se somos seres cuja existência é marcada pela ambivalência entre natureza e cultura, corpo e linguagem, matéria e pensamento; se, nesse sentido, vivemos no limiar entre um estado e outro, e portanto numa sorte de desequilíbrio

contínuo; se estar "entre a queda e o levante", como diz a artista, é a nossa condição mais própria, condição que potencializa as maiores oportunidades, assim como os impasses individuais e coletivos mais rigorosos; enfim, se este é o caso, então não se trata apenas de reivindicar esse risco, mas de transformá-lo em princípio operatório, e mais que isso, de insistir na força disruptiva dessa operação. Essa é a proposição que parece estar cifrada aqui. Carregados de intensidade, de sentidos, esses acontecimentos são uma aposta: o desejo de um mundo possível. Nas palavras de Flávia Scóz, "apesar da distância do solo e da engenharia edificante do antropoceno, 'tudo cai'. Mas é através dessa queda, em um lapso de tempo, quando também flutuamos, que realizamos o sonho do voo e da leveza".

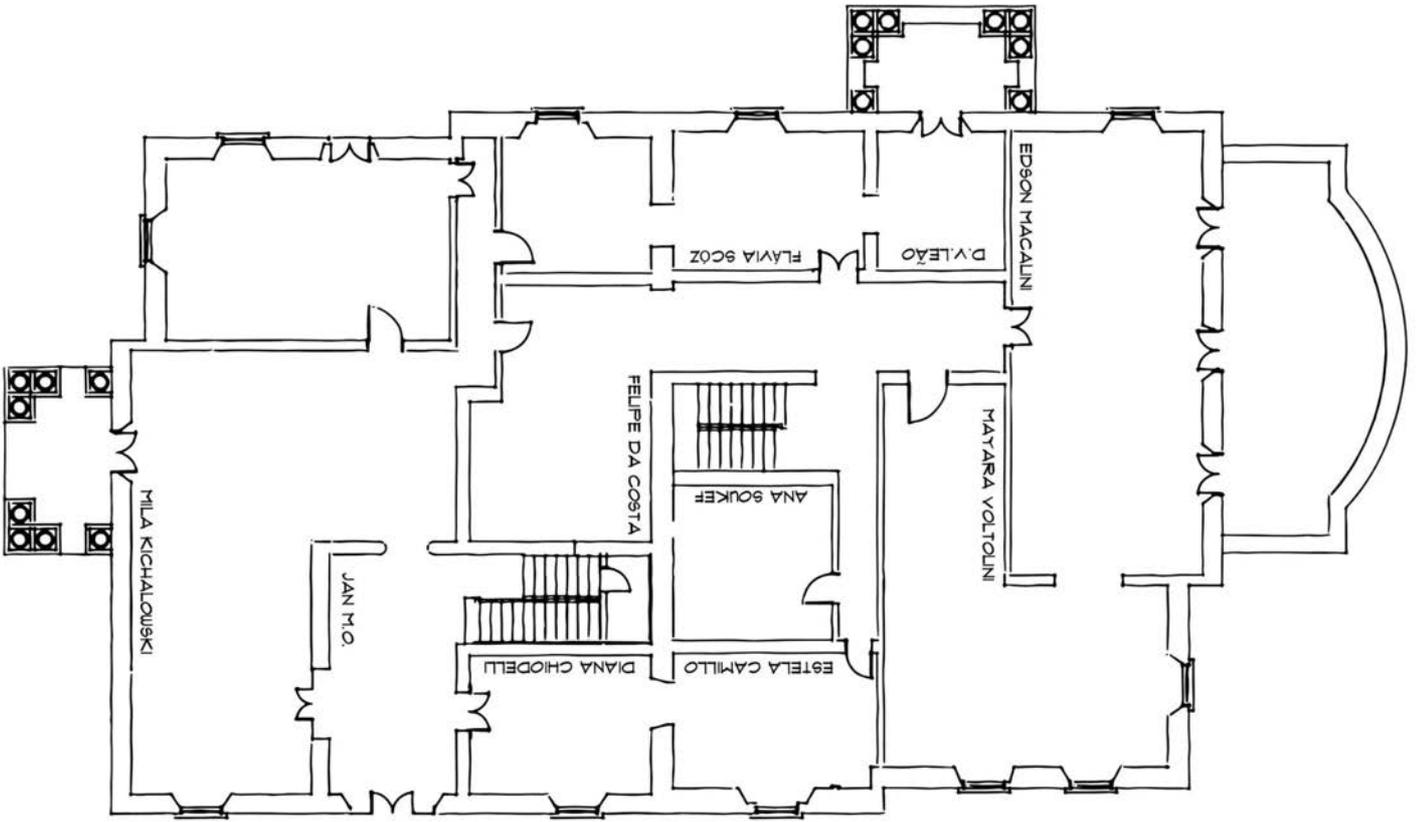
Artur de Vargas Giorgi









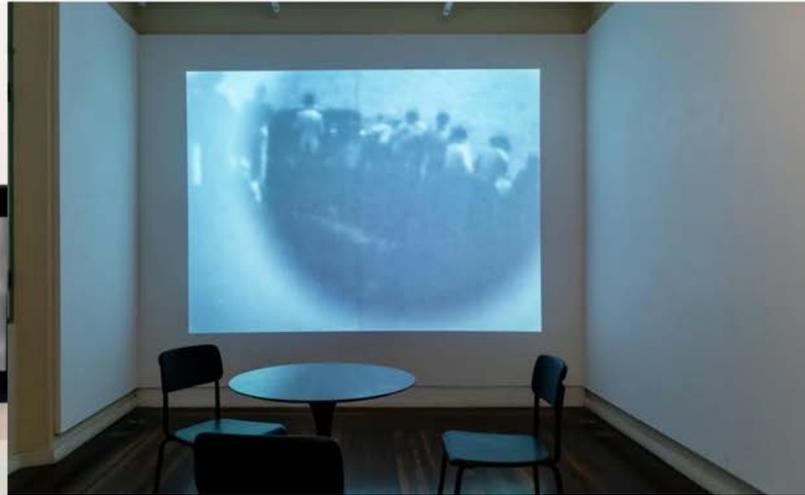
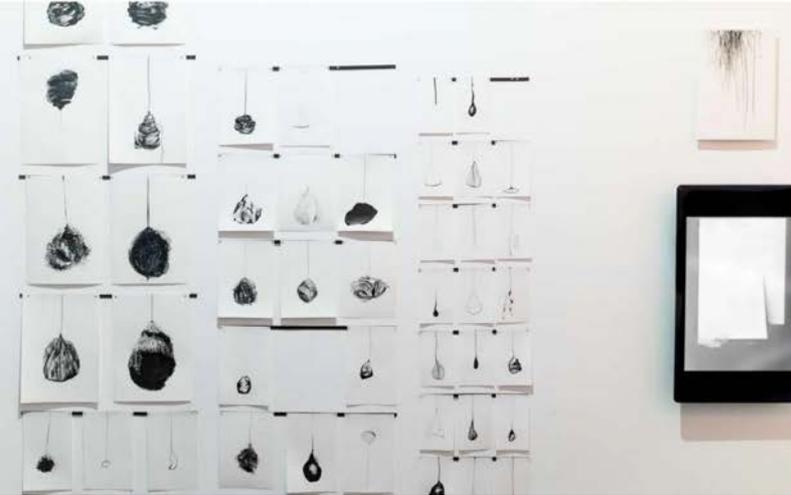
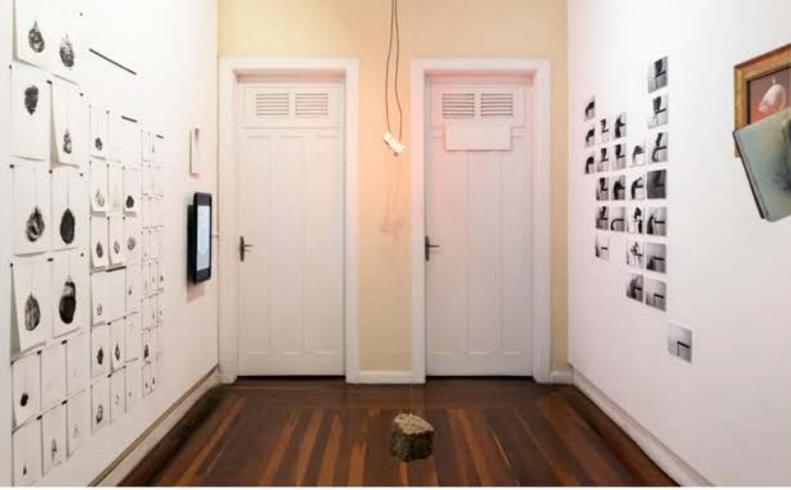


TOPO_ LOGIAS DA IMAGI_ NAÇÃO:

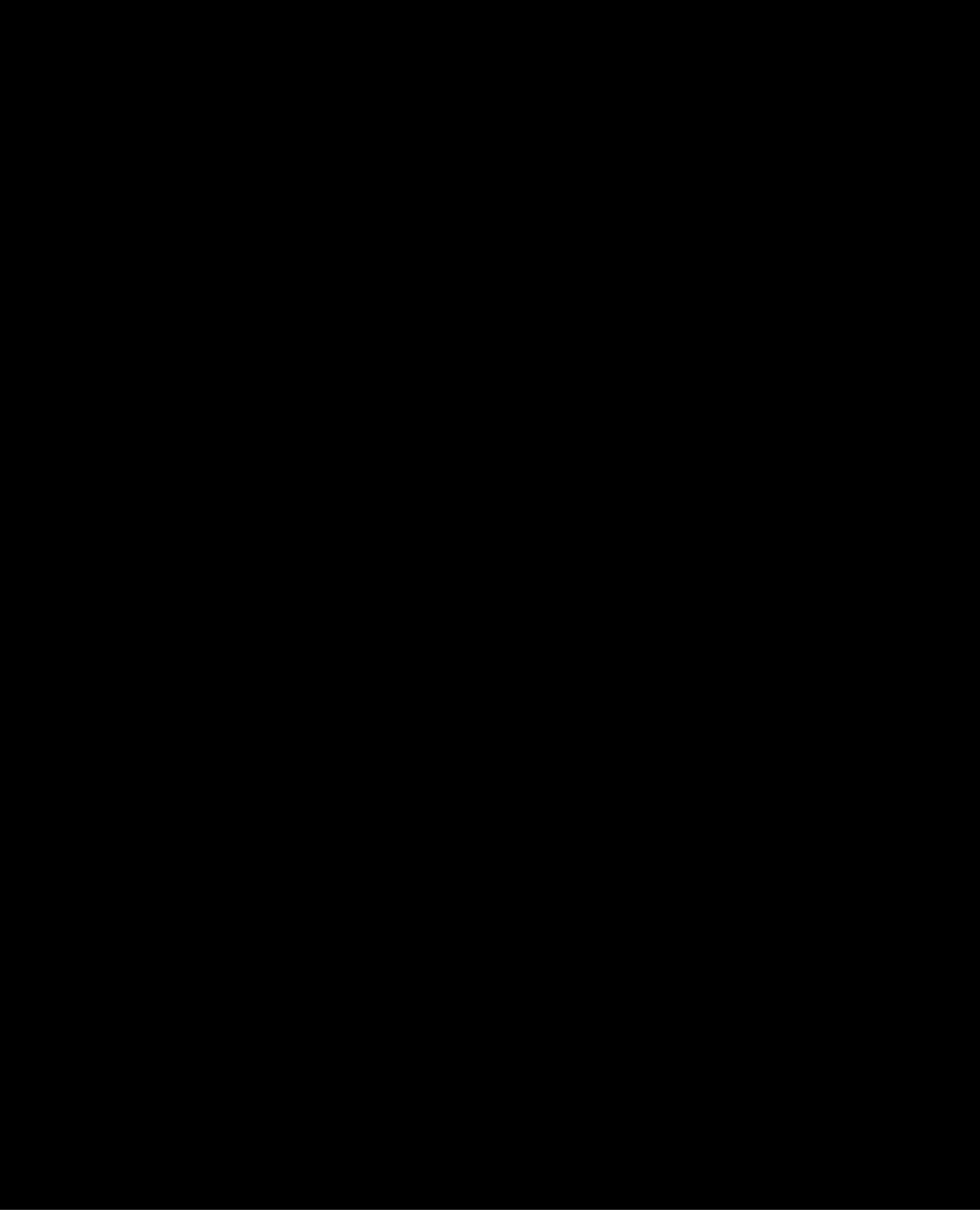
RESIDÊNCIA ARTÍSTICA
FUNDAÇÃO CULTURAL BADESC













BADESC



Fundação Catarinense de Cultura

GOVERNO DE SANTA CATARINA